

**ROCHA, Carlos Augusto**

Mestrando em Comunicação pela UFPI.  
<carlosrocha\_pi@yahoo.com.br>

**MAGALHÃES, Francisco Laerte Juvêncio**

Professor da UFPI e pesquisador do Mestrado em Letras  
da UFPI, coordenador do NEPEC.  
Doutor em Comunicação e Cultura (ECO/UFRJ).  
<flaerte@msn.com>

## *Rolling Stone Brasil*: representações da crônica política através de ilustrações na editoria Política Nacional

### RESUMO

Entre as matérias da revista "Rolling Stone Brasil", as ilustrações estão em um espaço nobre, logo na primeira página da editoria "Política Nacional". São lembrados os estudos sobre as imagens, através de Dondis (1991), Almeida (2011), Marcos (2011) e Bártolo (2011). Para estudar as imagens é aplicada a metodologia da Análise do Discurso, metodologia eficaz para a pesquisa a partir dos conceitos de enunciação e contrato de leitura.

Palavras-chaves: Ilustrações, Análise do discurso, Representações sociais.

### ABSTRACT

Among the materials of the magazine "Rolling Stone Brazil", the illustrations are in a prime area, on the first page of editorial "National Policy". As a referencial for this work, studies are reminded about the images through Dondis (1991), Almeida (2011), Mark (2011) and Bartolo (2011). The methodology applied to study the images is the Discourse Analysis, effective methodology for the research from the concepts of enunciation and reading contract.

Keywords: Illustrations, Discourse analysis, Social representations.

# *Rolling Stone Brasil: representações da crônica política através de ilustrações na editoria Política Nacional*

## *[Rolling Stone Brazil: representations of political chronic through illustrations in National Politics Editorial]*

ROCHA, Carlos Augusto  
MAGALHÃES, Francisco Laerte Juvêncio

### 1. Introdução

As reportagens da editoria “Política Nacional” da revista “Rolling Stone Brasil” contam, em geral, com ilustrações logo acima do título da matéria jornalística. As ilustrações neste caso lançam um primeiro olhar acerca do texto e oferecem ao leitor uma oportunidade de estabelecer uma compreensão inicial a respeito do tema abordado.

Observar como essas ilustrações estão presentes nas matérias, assim como elas se situam em relação às teorias a respeito da imagem, é o objetivo deste trabalho. A fim de alcançar esse intento, alguns autores são acionados, como Dondis (1991), que trata da anatomia da mensagem visual; Bártolo (2011) e a ampliação do campo do visível para a fronteira entre o sensível e o inteligível.

Além de observar a presença das ilustrações nas matérias da editoria “Política Nacional”, o estudo também busca compreender como elas se configuram em objeto significativo no universo discursivo da revista “Rolling Stone Brasil”. As ilustrações também estão incluídas no contrato de leitura firmado entre o leitor e o suporte de leitura, uma revista de cultura *pop* que aborda política nacional. Nessa parte do estudo principalmente Magalhães (2003) e Verón (2004) contribuem com a análise.

Seis edições da revista “Rolling Stone Brasil” do ano de 2010 são selecionadas para tratar da importância da ilustração para a composição das reportagens da editoria “Política Nacional”. As edições dos meses de fevereiro, março, abril, junho, julho e agosto foram escolhidas também pela pluralidade dos temas que abordam, característica que se torna um aspecto fundamental para a realização do trabalho.

## 2. Imagem como um jogo de luz e sombra

A observação de uma obra a partir da ideia de uma experiência estética pode ser considerada de diversos modos. Almeida (2011) pontua a experiência estética a partir do aspecto individualizado, traduzido no espaço coletivo. O autor desenvolve a proposta que a imagem está situada como uma ilustração relacionada a uma ideia. Para Almeida, é possível ir além e situar a imagem como a sombra dessa ideia.

239

Dondis (1991), por sua vez, ao expor a anatomia da mensagem visual a situa em três níveis: representacional, relacionada ao meio ambiente e à experiência; abstrato, com ênfase em elementos mais básicos e na emoção; simbólico, criado arbitrariamente para a associação entre o significado e um código. “Cada nível, o representacional, o abstrato e o simbólico, tem características específicas que podem ser isoladas e definidas, mas que não são absolutamente antagônicas. Na verdade eles se sobrepõem, interagem e reforçam mutuamente suas respectivas qualidades” (DONDIS, 1991, p. 103). O autor pontua ainda que a mensagem visual passa por uma série de transformações, de esboços iniciais até versões mais sofisticadas.

A experiência estética está relacionada a uma dimensão diferenciadora, ligada a aspectos como gosto, estilo, comportamentos e outros. Nesse aspecto a manifestação do pensamento passa por ampla transformação ao longo das épocas e alterações de suportes que contêm as imagens. “Poderia dizer-se, nesta perspectiva, que o próprio da imagem é, e por estranho que possa parecer colocá-lo nestes termos, o ser líquida (sic), tais as águas em que se contemplava Narciso” (ALMEIDA, 2011, p. 17). Então, o sentido é móvel, maleável e sem uma definição apreendida.

Este sentido móvel está relacionado ao imaginário para a ampliação de formas perceptivas. Estas formas são mencionadas por Almeida (2011) como anterior e posterior, assim como incluída ou não na linguagem. Com relação às imagens e a sua leitura, Marcos (2011) pontua como uma questão de reconhecimento interpelando limites de realidade e atividade cognitiva: “[...] é tudo uma questão de reconhecimento – entre imagens e palavras, entre imagens e conceitos. Mas, sobretudo, é uma questão de reconhecimento do homem, do humano e do não humano no homem – nas palavras, nas imagens, nos conceitos, nas crenças” (MARCOS, 2011, p. 46).

A imagem, assim como outras noções, não aparece sem mediação. A imagem e sua compreensão estão compreendidas por um ato cognitivo mediado no qual o objeto nunca é inteiramente desvelado. Nesse aspecto os objetos colocam-se como perceptíveis de novas maneiras através do contato do espectador com as zonas de não conhecimento.

O ato cognitivo pode ser comparado ao despertar da luz matinal que desvanece a escuridão noturna, ao iluminarmos a escuridão algo se manifesta e se perde na luz. Toda a imagem opera para com a vida como as trevas que dão à luz a claridade que a faz sucumbir, desvanecer-se. A história das imagens e a história dos meios associados à cultura visual é uma história de espectros, de projeções, que começou, talvez, com o abeirar-se de alguém junto da água para nela, surpreendentemente, ver uma imagem que nunca havia visto antes (BÁRTOLO, 2011, p. 48).

240

A mediação então se torna fundamental para estabelecer o reconhecimento deste objeto, mesmo que ele não seja completamente desvelado. Para Bártolo (2011) houve uma ampliação do campo do visível. Entretanto, tal alargamento também aumentou a possibilidade da perda de determinados aspectos na compreensão da imagem. Na observação da imagem, presença e ausência são construídas de modo concomitante. No jogo de sombra e luz, a imagem está situada entre sensível e inteligível; cópia e realidade.

### 3. A análise de discurso e o estudo do sentido nas imagens

A compreensão de como é feita a mediação pelas imagens e como elas se traduzem em uma ideia torna necessário recorrer a uma metodologia. A fim de desenvolver este estudo sobre as imagens que acompanham as reportagens da editoria de “Política Nacional” da revista “Rolling Stone Brasil” é utilizado o instrumental metodológico da análise de discurso.

Vale destacar, em primeiro lugar a enunciação em que determinadas escolhas são feitas em relação àquilo que é enunciado. “O processo enunciativo se produz por uma articulação de dupla operação, ou seja, cria-se um universo discursivo e uma situação de comunicação” (MAGALHÃES, 2003, p. 34). A partir de um horizonte amplo, determinadas escolhas são realizadas, a fim de estabelecer particularmente aquele objeto. O mesmo mecanismo envolve os modos de dizer, mostrar e seduzir delineando também determinadas posições como enunciador e enunciatário.

As escolhas na enunciação, traduzidas no enunciado, refletem-se também na relação entre enunciador e enunciatário. O contato entre eles é estabelecido no momento em que há interesse por parte do enunciatário pelo que é oferecido através do enunciador. O enunciador é considerado a partir da metáfora da imagem daquele que fala, assim como o enunciatário é considerado na imagem daquele a quem o discurso é dirigido. Ambos partilham o fato de serem instâncias discursivas, sem uma existência “real”.

Sobre o que é discurso, inspirado em Foucault (1995), Magalhães (2003) destaca que o discurso pode ser definido como uma prática. “Prática discursiva, ou seja, o sistema que, no interior de determinada formação discursiva, regula a dispersão dos lugares institucionais passíveis de serem ocupados por um sujeito da enunciação” (MAGALHÃES, 2003, p. 50). Então, a compreensão sobre o que é discurso não está restrita apenas a uma obra completa. É possível considerar também como discurso uma palavra apenas, ou uma imagem.

A compreensão das imagens também está vinculada ao que Verón (2006) considera como o estudo dos desvios discursivos. Para o autor, a análise do discurso está relacionada a uma rede de relações delineadas por marcas

representadas por traços de operações discursivas. Estes traços ou marcas podem estar representados por “unidades significantes não homogêneas, comportando, às vezes, marcas linguísticas e marcas não linguísticas (por exemplo, no discurso da imprensa, uma imagem e o texto que a acompanha, considerados como uma unidade” (VERÓN, 2004, p. 159).

A respeito da leitura das imagens, Magalhães (2003) destaca as dificuldades e as imprecisões no campo da linguagem. Há certas crenças acerca desse tema que não se sustentam numa compreensão mais aguda. Uma dessas crenças, por exemplo, diz que “uma imagem pode ser ‘lida’ em qualquer parte do mundo, diferentemente do texto que requer conhecimento do idioma em que se inscreve” (MAGALHÃES, 2003, p. 82). Ora, a imagem é opaca por natureza, carece de elementos de ancoragem de sentido para adquirir transparência e significar, produzir sentido. Precisa de elementos iconográficos (como a auréola nos santos), uma sequência (como ocorre nas histórias em quadrinhos e nas imagens em movimento – cinema e vídeo), um título, uma legenda (como usado nos meios impressos) etc. Pinto (1995) chama esses elementos iconográficos de predicadores.

Magalhães (2003) ainda destaca, a partir das concepções de Verón e Pinto, algumas modalidades de construção de sentido relacionadas a imagens. O destaque cabe a duas que vão contribuir no agenciamento do sentido: fundo semântico e metáfora visual. No fundo semântico, a imagem de arquivo, provavelmente, perde todo o seu peso referencial; evoca simplesmente, de um modo ou de outro, o campo semântico designado pelo texto que a acompanha. Texto e imagem reenviam um ao outro, numa relação de equivalência ou ressonância, por *especularidade* e por *circularidade* num equilíbrio semântico fechado (Verón, 2004).

Por sua vez, a metáfora visual, diz Verón (2004), está distante do modo clássico que faz a imprensa informativa. É o caso em que a especularidade texto e imagem se efetiva completamente pelo uso de uma retórica simples e direta.

As imagens também são compreendidas como parte do fenômeno de representação social. Moscovici (2010) enfatiza que o conceito de representação social conta com uma ligação em relação ao pensamento em prol de estabelecer familiaridade. “[...] a finalidade de todas as

representações é tornar familiar algo não familiar, ou a própria não familiaridade” (MOSCOVICI, 2010, p. 54).

O autor destaca que a representação trata de classificação com a atribuição de categorias e nomes. Nesta geração de representações sociais são situadas por Moscovici (2010) duas categorias: ancoragem e objetivação. Particularmente interessa mais a ancoragem, já que as ilustrações surgem nas reportagens de “Rolling Stone Brasil” em busca de estabilizar a relação do leitor com a publicação. A ilustração é apresentada como o elemento que interliga o tema a ser abordado a seguir; política nacional, e o apresentado nas páginas anteriores, cultura *pop*.

#### 4. Rolling Stone Brasil e as ilustrações que fazem parte da crônica política

“Rolling Stone Brasil” é uma revista que teve duas fases no Brasil. Vinculada à marca editorial norte-americana, “Rolling Stone”, a revista foi lançada no Brasil na década de 70. Após as 36 edições que começaram a ser veiculadas em 1971 houve um rompimento entre a matriz americana e os representantes brasileiros (ROCHA, MAGALHÃES, ANJOS, OLIVEIRA, 2010). A retomada aconteceu em outubro de 2006, como uma publicação voltada para abordar cultura *pop*, seja como música, cinema ou outra expressão artística.

Com periodicidade mensal, “Rolling Stone Brasil” comporta seções fixas relacionadas a astros da cultura *pop* e indicações de bandas, dentre outros temas. Entretanto, há uma seção diferenciada na revista, “Política Nacional”. Nesta seção são abordados temas relacionados aos movimentos políticos no Brasil, de modo adequado à periodicidade da publicação. Entretanto, a revista trata a política nacional sem fugir da linguagem de suas outras seções e do seu público.

Os repórteres que escrevem os textos para a seção “Política Nacional” não são exclusivos da revista, atuando também em outros meios. A assinatura nas matérias da revista é alternada entre diversos jornalistas, o que confere às matérias uma proximidade ao estilo da revista e menos ao texto de um

repórter específico ou de outro veículo no qual trabalhe. Entretanto, há um elemento costumeiro nas matérias de “Rolling Stone Brasil”: a ilustração acima do título da matéria.

Funcionando como uma âncora da reportagem, a ilustração está diretamente relacionada ao texto. Como um resumo do texto, esta ilustração explora por vezes personagens da cena política nacional e em outros momentos os elementos que são mais abordados na matéria jornalística. Em um ano de eleições gerais, como 2010, estas ilustrações representam uma crônica da cena política nacional.

Ao todo serão analisadas ilustrações de seis edições de “Rolling Stone Brasil” entre os meses de fevereiro e agosto de 2010. A escolha é feita a partir das edições que apresentam uma ilustração na abertura da matéria, seja abordando a política nacional ou, especificamente, as eleições gerais. Os movimentos pelas eleições e os desafios dos personagens políticos ficam cristalizados através de ilustrações que podem até soar bem humoradas, mas são muito sérias.

244

##### **5. A ilustração nas matérias de Rolling Stone Brasil**

As imagens escolhidas para ilustrar as matérias de “Rolling Stone Brasil” são de dois tipos: ilustrações e fotografias. Em geral, a revista opta por trazer com mais destaque a ilustração. As fotografias, por sua vez, ficam distribuídas ao longo da reportagem. Logo acima do título da matéria veiculada na edição, a ilustração acaba sendo uma apresentação inicial do que está no texto.

A ilustração ancora o texto da matéria, como um elemento abstrato que busca despertar a emoção e a atenção do leitor, firmando-se como um aspecto simbólico do texto. Por sua vez, a ilustração marca como “Rolling Stone Brasil” estabelece uma diferenciação em relação a outras publicações que abordam a política nacional.

Outro aspecto de destaque está relacionado à ampliação das formas perceptivas. Através das ilustrações é possível ir além na compreensão da matéria jornalística em sua totalidade, mas destacando que não é possível

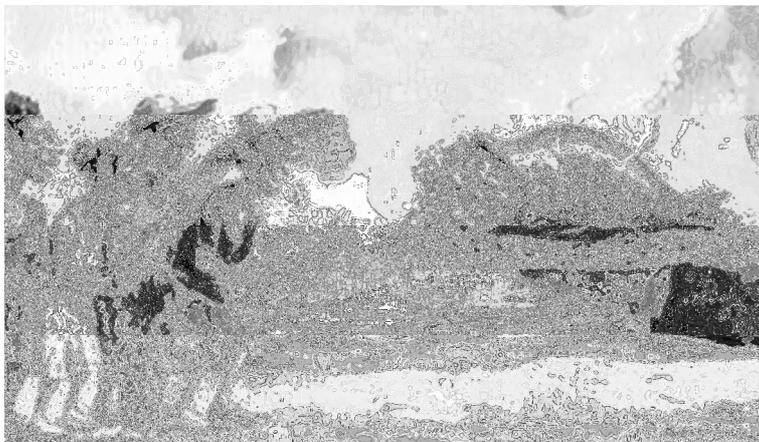
compreender completamente a ilustração. Vários significados podem ser alcançados, sem a esperança de que um deles firme-se como um significado “correto”. O universo discursivo da revista, como publicação sobre cultura *pop*, é rememorado para apresentar a situação de comunicação, uma matéria sobre política nacional com uma ilustração que resume o tema.

Em determinadas matérias da editoria “Política Nacional” não há menção a personagens políticos específicos. As ilustrações das matérias também buscam traduzir a abordagem textual. Na amostra selecionada, vale destacar duas reportagens em que “Rolling Stone Brasil” apresenta uma ilustração e uma matéria em que os personagens políticos estão “ausentes”. A primeira matéria é “História de Pescador”, de fevereiro de 2010 e a segunda reportagem é “O Ano do Contato”, veiculada no mês seguinte.

Na matéria “História de Pescador” a ilustração inclui cinco pessoas: dois homens, duas mulheres e uma criança diante de um peixe ofertado numa bandeja, recheado com dinheiro, numa praia. A imagem serve como fundo semântico particularmente para estimular a compreensão da matéria no sentido proposto: crítica à rede de proteção social desenvolvida pelo governo com auxílios em dinheiro como o Bolsa Família, auxílio pesca, entre outros. Através da imagem há a busca por consolidar a ideia de que o governo distribui a renda, mas sem fazer o controle de quem recebe os recursos e onde o dinheiro é aplicado.

245

**Figura 1 – Ilustração da reportagem “História de Pescador”**



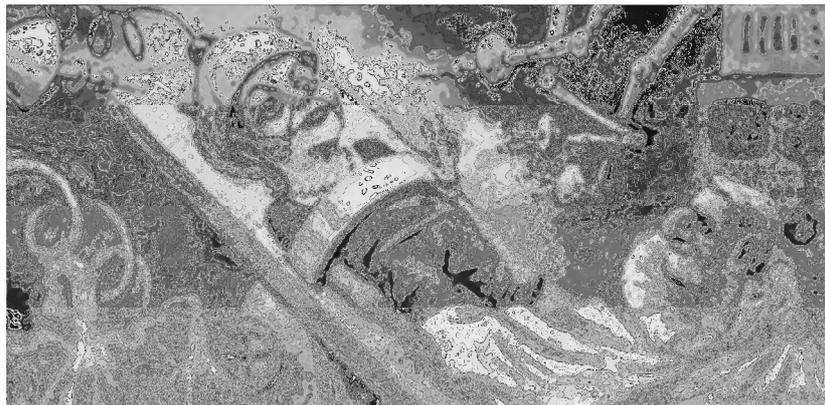
Essa distribuição feita pelo governo é representada pela mão com terno que segura uma bandeja com o peixe cheio de dinheiro destinado aos pescadores. O olhar das pessoas diante do peixe não é de espanto por um peixe estar com a boca cheia de dinheiro, mas de um desejo que tende ao macabro. Estão prontos para aproveitarem-se do peixe. Uma compreensão possível é de que as pessoas preferem o caminho de receber o dinheiro a buscar a sua própria subsistência. A imagem apoia essa ideia até mesmo por ocasião da justificativa do governo, quando as respostas do então ministro da Pesca, Altemir Gregolin, acabam corroborando muito da reportagem a respeito da falta de controle sobre os benefícios.

Na a edição de março de 2010 a revista traz a matéria “O Ano do Contato” com uma ilustração baseada em três elementos: o eleitor, que está sendo medido e monitorado enquanto digita o seu voto; a urna eletrônica também medida e utilizada pelo eleitor; e uma máquina fotográfica que estabelece uma ligação com a urna eletrônica, mas volta-se para medir as características do eleitor.

Como “O Ano do Contato” é uma reportagem que trata do voto biométrico, um processo em que o eleitor é reconhecido pela sua impressão digital, a imagem associa-se ao texto para delinear o campo semântico representado pela matéria. A imagem serve como fundo semântico para a matéria contar os primeiros passos para estabelecer a informatização do processo de votação, pela utilização da urna eletrônica e posteriormente do voto biométrico, que necessita do registro de dados do eleitor. O texto e a imagem apresentam como o processo é realizado em profundidade e pode mudar a vida do eleitor, e como ele vai se fazer presente diante da seção de votação para exercer sua cidadania.

**Figura 2 – Ilustração da reportagem “O Ano do Contato”**

A desconfiança do eleitor em relação a tanta tecnologia é marcada na imagem principalmente pelos olhos do eleitor diante da urna e do mapeamento feito pela câmera no alto da imagem. Esta desconfiança é representada no texto pelas desconfianças que ainda cercam o sistema eletrônico de votação, como a falta de um comprovante impresso do voto para proceder com uma recontagem de votos caso seja necessário.

**247****Figura 3 – Ilustração da reportagem “De Repente, Candidata”**

A primeira matéria da amostra que trata de personagens da cena política nacional é veiculada em abril de 2010. “De Repente, Candidata” é uma reportagem que trata da urdidura de Dilma Rousseff como candidata do

Partido dos Trabalhadores (PT) à eleição presidencial daquele ano, com o apoio do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Estabelecendo uma analogia com o cinema, o texto aborda a candidatura de Dilma Rousseff como uma estreia. À semelhança do texto, a imagem também faz menção a uma história de ficção, “Frankenstein”, tema de uma série de filmes baseados no romance de autoria de Mary Shelley, escritora britânica. Empregando uma metáfora visual a imagem associa o presidente Lula a Victor Frankenstein, um estudante de ciências que constrói um ser em seu laboratório, no caso do presidente Lula, a candidata Dilma Rousseff.

A metáfora que Lula “forma” uma criatura para ocupar a presidência é possível também com outros filmes como “Substitutos” ou “Matriz”, já que no texto da matéria a candidata é apresentada como uma sugestão do presidente que foi acatada pelo partido. Na ilustração, Lula está descortinando a sua “invenção”, a candidata Dilma Rousseff, que tem como função manter o legado do presidente que está deixando o cargo.

Outro paralelo possível é entre o laboratório e o ambiente político brasileiro, em que Dilma é descortinada já fazendo o V da vitória, gesto típico dos candidatos para sinalizar que é possível vencer uma contenda. O equipamento de laboratório pode ser associado às mudanças realizadas na candidata para torná-la mais palatável aos olhos do eleitor, principalmente o eleitor de Lula.

Os personagens da cena política nacional, impulsionada pelas eleições gerais de 2010, voltam a figurar na ilustração na matéria de junho de 2010. “Inimigo Meu” é uma matéria que traz a ilustração com duas cores, azul e vermelha, em associação direta a PSDB e PT. A ilustração consiste em um ringue com uma pancadaria generalizada ao centro. Pessoas de vermelho e azul protagonizam a luta livre simbolizando a disputa entre apoiadores de Dilma e Serra. A candidata petista aparece em um canto do ringue, vestida de vermelho e com uma máscara de estrela, uma relação direta ao PT, que tem como símbolo uma estrela vermelha. Por sua vez, Serra aparece vestido de tucano no outro canto do ringue, lembrando o pássaro associado ao PSDB.

A imagem que ilustra a reportagem “Inimigo Meu” posiciona-se em um jogo de luz e sombra com a ideia da disputa entre os apoiadores de Dilma Rousseff e José Serra. Na oportunidade em que os aliados de um e de outro candidato têm de explicar por que não votariam no oponente, fica estipulada uma disputa, representada simbolicamente por uma imagem de pancadaria generalizada enquanto os candidatos apenas assistem. A representação dos candidatos é realizada a partir daquilo que é mais familiar a quem conhece o PT e o PSDB, respectivamente a imagem da estrela e do tucano.

**Figura 4 - Ilustração da reportagem “Inimigo Meu”**



249

A imagem também está relacionada a outro aspecto do cenário político brasileiro. Os dois candidatos ficam à margem da pancadaria. Como a matéria é veiculada em junho de 2010, uma leitura possível é que a imagem representa o fato de que eles aguardam a sua vez de entrar no ringue, de fato, e medirem forças em busca de ganhar a disputa pela presidência da República. Enquanto isso, cabe aos apoiadores de Dilma e Serra entrarem em uma briga, fisicamente na ilustração e simbolicamente na reportagem.

Dilma e Serra voltam a ser os personagens principais na matéria “O Monstro da Derrota”, veiculada na edição de julho de 2010 de “Rolling Stone Brasil”. A ilustração que compõe esta edição é a imagem de um fantasma diante de José Serra e Dilma Rousseff. O fantasma que assombra

os dois candidatos é associado à derrota. O cenário é lúgubre, semelhante ao de filmes de terror.

Figura 5 - Ilustração da reportagem “O Monstro da Derrota”



A metáfora visual se faz presente porque o “monstro” representa o que aguarda o derrotado nas eleições de 2010 em relação a seu futuro político. Do mesmo modo que o monstro da derrota encara os dois principais candidatos à presidente do Brasil, a matéria divide-se entre as consequências para cada um dos principais candidatos. O medo expresso nas feições de cada um dos candidatos representados na imagem está relacionado à principal consequência que a reportagem associa ao perdedor: o fim da carreira política.

As reportagens a respeito da política nacional comportam ainda a presença de outros personagens políticos nas ilustrações, além de Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB). Na reportagem “À Sombra de Gigantes”, da edição de agosto de 2010 de “Rolling Stone Brasil”, os personagens da matéria e da ilustração são os candidatos “nanicos”, com os menores percentuais de intenção de voto nas pesquisas eleitorais.

Figura 6 – Ilustração da reportagem “À Sombra de Gigantes”



251

A reportagem trata de como os políticos de partidos com menor representatividade no Congresso Nacional estão se organizando para disputar as eleições presidenciais. José Maria Eymael (PSDC), Plínio de Arruda Sampaio (PSOL), Levy Fidelix (PRTB), José Maria de Almeida (PSTU), Rui Costa Pimenta (PCO), Ivan Martins Pinheiro (PCB) e João Américo de Souza (PSL) são os candidatos “nanicos” que ao longo da matéria vão defender suas ideias e afastarem-se do rótulo.

A ilustração metaforiza a força dos candidatos Dilma Rousseff (PT), José Serra (PSDB) e Marina Silva (PV) em relação aos outros candidatos no tocante à intenção de votos. A imagem também serve como fundo semântico para ilustrar que bem melhor cotados nas pesquisas os três candidatos estão também muito à frente de seus oponentes, que são somente nanicos que estão correndo atrás de tentar diminuir a distância.

Os candidatos nanicos também são apresentados na ilustração de modo metaforizado a partir de objetos que representem seus projetos políticos. Alguns exemplos são o aerotrem de Levy Fidelix, Eymanel e um rádio tocando seu *jingle*, Ivan Pinheiro carregando um cajado assemelhado a uma foice e um martelo, símbolos do comunismo. O fundo semântico ainda é evocado na imagem no espaço reservado para os candidatos nanicos: a sombra dos gigantes.

## 6. Considerações finais

As ilustrações exercem nas matérias, a partir do relatado, elevada importância para a cobertura da editoria “Política Nacional” de “Rolling Stone Brasil”. Com os personagens da cobertura política ou os temas principais da matéria a ser retratada, a ilustração fornece ao leitor um quadro geral prévio do que será contado no relato textual. Além disso, a ilustração busca atrair o leitor para que continue com “Rolling Stone Brasil”, mesmo que naquele momento ela não aborde a cultura *pop*, mas a política.

Ao oferecer um panorama da matéria, entretanto, sem contar tudo que está por vir, a ilustração representa um jogo de luzes e sombras a fim de manter o leitor fidelizado ao suporte e perseverante para a leitura. A reportagem se descortina em um quadro inicial, a ilustração, que só será compreendido em profundidade a partir da leitura do texto.

O papel da imagem como fundo semântico nas reportagens “História de Pescador” e “O Ano do Contato” é de ofertar uma primeira visão a respeito do tema discutido com maior profundidade na reportagem. Assim como o título, a imagem serve para contextualizar o leitor que começa a ter contato com a reportagem. É um momento em que o leitor é convidado a compreender o tema abordado no texto a partir da ilustração que está compondo a abertura da reportagem.

Do mesmo modo, a metáfora visual desempenha papel semelhante quando os personagens políticos em evidência são mencionados. Dilma e Serra são escolhidos para figurar nas ilustrações da revista como personagens-chave da eleição. Porém, eles serão retratados de maneira metaforizada. A escolha empreendida para retratá-los está relacionada ao tema escolhido para a matéria. Eles podem aparecer como dois lutadores fantasiados em um ringue, como na matéria “Inimigo Meu”, ou então como dois personagens de filme de terror diante de um fantasma, ao modo que são mostrados na reportagem “O Monstro da Derrota”.

A respeito das outras duas imagens que compõem a amostra, cabe destacar que a ilustração da matéria “Inimigo Meu” explora, sobretudo, a representação que os candidatos do PT e do PSDB, assim como a disputa

política, possuem ante a sociedade. Um ringue de luta livre, com dois lutadores fantasiados com elementos associados a seus partidos e uma pancadaria generalizada ao centro é uma escolha que a revista faz para representar o jogo político no Brasil. A imagem da matéria “À Sombra de Gigantes”, por sua vez, explora tanto o fundo semântico como a metáfora visual, já que demonstra como está estruturada a situação das eleições de 2010 em relação a proporção que cada candidato tem do eleitorado e como os candidatos menores se apresentam ao eleitor.

“Rolling Stone Brasil” organiza as páginas da editoria de política nacional considerando a ilustração que está presente logo acima do título da reportagem principal da editoria. O interesse da publicação é o de deixar o leitor que acompanha as outras páginas da revista, a respeito de cultura *pop*, ambientado com a editoria. A ilustração funciona como um destaque e um resumo para a matéria que virá a seguir, mas sem contar tudo que será relatado na reportagem.

## Referências

ALMEIDA, Bernardo Pinto de. Reflexos de Vénus: Pensar com o imaginário. In: MARTINS, Moisés de Lemos (Org.). *Imagem e Pensamento*. Coimbra: Centro de Estudos Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, Universidade do Minho, 2011. p. 11-20.

BÁRTOLO, José Manuel. A imagem luminosa e a imagem sombria claridade, mediação e revelação na cultura visual e moderna. In: MARTINS, Moisés de Lemos (Org.). *Imagem e Pensamento*. Coimbra: Centro de Estudos Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, Universidade do Minho, 2011. p. 47-54.

DONDIS, Donis A. *A sintaxe da linguagem visual*. Trad. Jefferson Luis de Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MARCOS, Maria Lucília. Imagens e Palavras (Palavras para imagens). In: MARTINS, Moisés de Lemos (Org.). *Imagem e Pensamento*. Coimbra: Centro de Estudos Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, Universidade do Minho, 2011. p. 39-46.

MAGALHÃES, Laerte. *Veja, isto é, leia: Produção e disputas de sentido na mídia*. Teresina: Edufpi, 2003.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

PINTO, M. J. Semiologia e imagem. In: FAUSTO NETO, Antonio *et al.* (Org.). *A encenação dos sentidos: mídia, cultura e política*. Rio de Janeiro: Diadorim/ COMPÓS, 1995. p.141-157.

ROCHA JUNIOR, Carlos Augusto de França; ANJOS, Edienari Oliveira dos; MAGALHAES, Francisco Laerte Juvêncio; OLIVEIRA FILHO, Juarez Fernandes. Um beijo da manu: Uma análise da seção política nacional da revista Rolling Stone Brasil. In: *XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*, 2010, Campina Grande. Anais XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2010.

VERÓN, Eliseo. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: UNISINOS, 2005.

## ROLLING STONE BRASIL

ROLLING STONE BRASIL, São Paulo: Spring Publicações, n. 41, Fevereiro/2010.

ROLLING STONE BRASIL, São Paulo: Spring Publicações, n. 42, Março/2010.

ROLLING STONE BRASIL, São Paulo: Spring Publicações, n. 43, Abril/2010.

ROLLING STONE BRASIL, São Paulo: Spring Publicações, n. 45, Junho/2010.

ROLLING STONE BRASIL, São Paulo: Spring Publicações, n. 46, Julho/2010.

ROLLING STONE BRASIL, São Paulo: Spring Publicações, n. 47, Agosto/2010.

255



**COMPOLÍTICA**  
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DE PESQUISADORES EM  
COMUNICAÇÃO E POLÍTICA

Presidente: Alessandra Aldé (UERJ)  
Vice-Presidente: Luis Felipe Miguel (UnB)  
Secretário Executivo: Francisco Jamil Marques (UFC)

Editora-Chefe:  
Alessandra Aldé (UERJ)

Editores Executivos:  
Edna Miola (UFS) e Viktor Chagas (UFF)

Editores Assistentes:  
Eleonora Magalhães (UFF) e Fernanda Sanglard (UERJ)

Revisor: Pedro Sangirardi (UERJ)

<<http://compolitica.org/revista>>

A Revista Compolítica é uma revista eletrônica da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política. Com periodicidade semestral, sua proposta é difundir a produção acadêmica relacionada às interfaces desses campos de estudo.

Ao citar este artigo, utilize a seguinte referência bibliográfica

PAIVA, Daniela; BORGES, Thiago. *Eleitor, que cidadão é esse? A representação do sujeito-povo nas propagandas televisivas presidenciais de 2006*. In: **Revista Compolítica**, n. 3, vol. 2, ed. julho-dezembro, ano 2013. Rio de Janeiro: Compolítica, 2013.

